

acordei num Salto com minha mãe chamando

— *vamos.*

eu tinha prova

logo na primeira aula, no café da manhã eu sabia

mais de sono do que de

matemática, meu pai testou como eu estava

me fazendo perguntas

diretamente do livro, já um pouco estragado, de tanto

ser aberto e

fechado além de

esquecido no chão também do banheiro. eu não

soube responder pergunta nenhuma, queria

comer sucrilhos eternamente e colocar óculos

escuras igual ao seu luís. cheguei a pedir

1 óculos pra minha mãe que disse preferir olhar

nos meus olhos quando estávamos conversando.

tudo bem.

eu vou fazer um óculos de bolacha maria assim que

acabar

a semana

de prova.

minha rotina no colégio

era a pior parte do meu dia. eu tenho

muito medo de borboleta e minha escola cheia de

verde

era cheia de asa

também. eu tinha 1 amiga que

imitava borboleta pra mim, pra me provar que não

era tão terrível estar perto de uma.

a imitação ficava muito boa. tão Boa que, às vezes,

eu sentia medo da minha amiga chamada

Carla, mas

passava  
assim que acabava a  
brincadeira.  
contei pra ela sobre o seu luís,  
a carla não sabia o que era  
benzedeiro.

— é uma pessoa  
*que arruma qualquer coisa dentro da gente sem precisar  
abrir com faca.*

ela ficou curiosíssima, também porque eu disse isso

D e v a g a r.

prometi que a levaria na casa dele pra ela ficar boa,  
mas Antes  
ela tinha que pegar uma gripe ou qualquer coisa  
assim.  
ela me disse que ia tentar, mas a carla tinha  
uma saúde  
de aço ou a mãe dela colocava um saco  
invisível nela protetor de doença e machucado.  
nunca ouvi a carla tossir.  
ela nunca deu choro de ralar joelho, pelo menos um  
roxo, Nada, Carla  
a menina Intacta.  
fora a inteligência  
dela que me explicava  
divisão durante o intervalo fazendo assim:

- 2 *sandwiches*  
*para 2 meninas*

*é = a*

*1 sanduiche para cada menina e  
zero fome.*

falando desse jeito e depois comendo  
o lanche eu entendia  
Tudo, pensava  
*que moleza,*  
*!;*  
mas na hora que a Prova me olhava nos olhos,  
minha barriga  
virava gelo e a cabeça  
um Choro  
parecido com aquele que rádio faz quando o carro está  
chegando na Paulista.  
numa tarde de pudim perguntei pro seu luís por que  
rádio chora só nessa rua comprida.

— *não é choro, é  
chiado. o rádio chia porque a casa dele está perto. é o jeito  
dele dizer que está perto, uma espécie de  
Reconhecimento.*

(fiquei com cara de nuvem. seu luís  
tirou os óculos.  
Nunca tinha visto  
uma fundura de olho assim pequenininho cor de  
pedra  
lá dentro da testa  
com água de meleca nos cantos virando  
o canto  
mais Triste que já ouvi. perguntei pra minha mãe por

que tanto olho no fundo do seu Luís. ela disse que  
era segredo, me contaria se eu jurasse.

jurei e ela soprou no meu ouvido:

*é catarata,*

*a pessoa vai deixando de ver o mundo.*

mas se ele benze

tudo

por que não benzer o olho morto pra voltar normal?

será que ele prefere não ver?

imaginar o mundo

deve ser mais bonito mesmo.

seu Luís seguiu me explicando.)

— *por exemplo. quando tua mãe vai te buscar na escola,  
você não dá um Abraço nela?*

— *sim.*

— *pois então. o rádio chiando é jeito dele abraçar a mãe que  
mora na paulista.*

— *mas então o rádio não mora no rádio?*

— *onde o rádio acontece de verdade não é dentro do rádio  
do carro. aquele aparelho com botão é só uma  
reprodução do que acontece em um estúdio e muitos  
deles ficam em prédios*

*na paulista.*

uau.

a rua paulista

tão Reta

parecendo um rio de ferro dando pra ver até o fim

carro moto

carro gente

gente moto era na verdade a Mãe

dos rádios, que maravilha.  
a carla  
também achou a Paulista a melhor mãe do mundo  
pelo que eu contei.

— *um dia te levo lá,  
na Paulista não tem borboleta, seu luís falou que  
borboleta morre  
de medo  
de prédio, gosta só de  
árvore. seu luís sabe  
todos os segredos das árvores,  
eu acho que é porque ele usa desodorante verde que eu  
nunca vi no mercado  
dessa cor,  
só quem benze é que deve poder usar.*

no nosso pátio de escola  
a maioria das árvores eram:

— *Pinheiros.*

a professora de ciências nos mostrou no livro e  
depois  
pela escola, na fotografia  
pinheiro tinha cheiro  
de papel e tinta.  
no pátio  
eu brincava de esconde —  
esconde com a  
Carla, contava até 30 e usava sempre o mesmo

Pinheiro pra apoiar o braço,  
eu não roubava nadinha e a carla  
se escondia tão Sumida que  
às vezes  
batia o sino fim de recreio comigo sem achar  
a minha amiga,  
eu procurava tão  
atenta e a Carla em lugar  
nenhum, de repente

ela Aparecia,

de repente ela estava dentro do armário de limpeza,  
encolhida no meio  
da grama, rindo com a mão na boca  
encostada na estante  
da biblioteca,  
eu dava um grito de:

— *Achei!*

a velha com crachá e coque atrás do balcão fazia  
*SHIU* tão  
Brava,

a gente fugia  
de lá pra se esconder  
de novo, eu contava  
de novo  
até 30  
e a carla um fantasma  
nada dela em nenhuma escada,

nem na lanchonete, nem na quadra e de repente  
ela me dava um

S U S T O

atrás da porta do banheiro quando eu  
ia fazer xixi já tão  
desistida, me chamava de:

— *Lenta.*

e corria  
se escondendo de mim no laboratório,  
na pedrona  
do pátio que a professora de história  
chamava de:

— *machu picchu.*

na portaria do colégio,  
eu atrás  
procurando os  
rastros  
e de repente

ela Morreu,

o diretor vestindo preto  
bateu na porta da minha  
sala dizendo:

— *Carla*  
*está morta.*

sua voz um Piano caindo em mim.

as professoras todas  
choraram muito,  
apoiaram a cabeça na mesa aos litros.  
a carla tinha tirado nove  
na prova  
de matemática e  
não soube.  
a escola inteira  
chorou, inclusive o banheiro. estourou um cano e  
disseram que era vazamento mas  
pra mim  
aquilo era a parede chorando. a carla ia muito  
ao banheiro, molhava na pia o cabelo pra fazer a  
borboleta e quando vamos muito aos lugares,  
eles começam a gostar da  
gente ao ponto de sentir saudade se ficarmos um  
tempo  
sem aparecer.  
a carla morreu  
e eu não sabia exatamente o que isso significava.  
perguntei como,  
os adultos fizeram  
silêncio.  
ouvi só a dona márcia secretária dizendo no  
corredor pra professora de ciências  
que o cachorro  
do vizinho  
era um Tigre.  
pensei que a carla voltaria quando cansasse de



morrer  
e imitaria as borboletas no pátio pro meu medo  
passar.  
Fiquei esperando.

na escola

em casa

na cozinha

perguntei pra minha mãe:

— *o que é morrer?*

ela estava fritando bife pro almoço.

— *o bife*

*é morrer, porque morrer é não poder mais escolher o que*

*farão com a sua carne.*  
*quando estamos vivos, muitas vezes também não escolhemos.*  
*mas tentamos.*

almoçamos a morte e foi calado.  
enquanto minha mãe lavava louça fui até a casa do seu  
    luís às escondidas, mas não exatamente,  
acho que minha mãe ouviu  
a porta batendo e que era eu  
saindo com os meus 8 anos atravessando a rua olhando  
pros 2 lados que meu pai me ensinou cuidado e  
batendo na casa do seu luís,  
pra Perguntar. minha mãe deixou eu ir, deve ser  
    porque morreu uma menina de oito anos e isso  
    transformou ter a minha idade em ser adulta ou  
quase.  
toquei a campainha que era um sino.  
atendeu a dona rosa.

— *oi, seu Luís tá aí?*

— *veio sozinha?*

(balancei que sim)

— *sua mãe sabe que você está aqui?*

— *deixa ela entrar, rosa. pode entrar.*

entrei e o cheiro  
de mato. Atravessar a rua pra casa do seu luís me levava  
    até o menor país do mundo chamado A Morada  
    dele, 2 habitantes apenas e muita grama.

o deuzinho  
fora  
da manjedoura até que me fez feliz mas aquele Piano  
saído da voz do diretor do colégio  
ainda estava em cima de mim.  
sentei no sofá  
pronta pra perguntar mas  
nem precisou.

— *eu soube que a menina que morreu era amiga sua.*

— *a carla.*

— *e você tá se sentindo como?* —

—

*Sozinha.*

*quando ela volta, seu luís?*

(ele tirou os óculos

de novo.

o olho de pedra

me assustou um pouco

menos)

— *ela não volta.*

*quer dizer,*

*ela só volta dentro de nós toda vez que alguém pensar nela.*

*fora, nunca mais.*

ele acendeu seu cigarro de palha.

fiquei olhando o fogo como coisa bonita que dança

sem ninguém pedir. na história do mogli que

meu pai me contou,  
fogo chama flor  
vermelha e pode matar  
a floresta  
inteira, mas pequeno assim no cigarro não  
parece.

— *por que as pessoas morrem?*

— *tudo o que é vivo morre, você já teve um peixe? eles  
morrem muito. todo mundo morre muito, se não for  
de uma coisa é de outra.*

— *foi o deusinho que morreu a carla, seu luís?*

— *não.*

— *então quem?*

— *ninguém te contou?*

— *ninguém me contou. eu perguntei pra bastante gente. ela  
nunca tinha doença. eu queria apresentar o senhor  
pra ela, mas antes ela precisava ficar doente. ela  
nunca ficava.*

— *bom,*

*a carla morreu de*

*Cachorro,*

*ouvi dizer que era uma menina muito curiosa.*

*Subiu no Muro pra ver*

*o bicho mais bruto do bairro. queria saber o rosto como era,*

*o tamanho da*

*boca, a cor*

*do pelo. ela queria entender a placa*

## CÃO BRAVO

*foi quando o cachorro deu um salto e*

*puxou o pé*

*da carla. não deu tempo pra mais nada além de*

*Gritar.*

— *ela tá desmontada?*

(ele fez que sim com a cabeça)

— *mas então a gente pode*

*Colar a carla de volta! o senhor Benze e pronto!, ela Vive de novo.*

(ele apagou o cigarro no cinzeiro.

virou o rosto

buscando a dona rosa que estava de costas  
fazendo feijão)

— *é uma Pena,*

*mas eu não sei fazer a morte  
parar.*

a sala ficou um Luto.

de barulho

só as panelas no fogão.

olhei perdida pro seu luís,

ele não parecia mais tão sabido.

parecia um velho

Triste

esquecido de tudo.

— *agora é melhor você voltar pra casa, sua mãe pode estar preocupada.*

e o pescoço  
murcho,  
a sobrelha torta por trás dos  
olhos.  
pensei que o seu luís consertava o Mundo,  
mas era só gripe e os problemas de alergia da  
minha mãe.  
será que a Carla pulou no cachorro  
pra machucar o corpo  
e conhecer o seu luís? se sim  
não valeu a  
pena, era melhor a gente voltar  
no tempo e  
Desistir.  
levantei do sofá estranhando meu peso.  
saí dali sem dizer palavra, seu luís  
encostou a porta  
atrás de mim.  
atrevi-me a rua esquecida do Cuidado.  
um carro  
freou tão forte, ficou o cheiro  
de borracha que não me assustou eu estava  
Adulta,  
assustou minha mãe que correu pra janela  
me ver.  
entrei em casa, sumi no chão ao lado  
da porta.  
Chorei pensando que chorar assim deve  
desmanchar o rosto da gente,  
derreter os cílios.  
pedi pro deusinho minha amiga de volta pelo  
menos um pouco pela última vez.  
só mais 1 dia ao lado dela sabendo que  
Acabou, pedi

por favor  
deusinho  
volta a carla ao normal pra mim que sem ela eu  
acho que  
Não Consigo.  
tentei segurar  
as lágrimas que caíam na minha mão em  
concha,  
eram tantas,  
será que com o uso  
um dia a lágrima acaba?, a vida  
pode ser longa e eu não queria  
virar  
uma menina sem lágrima no meio do caminho  
uma mulher.  
coloquei minha água na boca, foi salgando a  
língua ao invés da mão.  
minha mãe  
sentou tímida ao meu lado.  
sempre gostei dela fazendo carinho no meu cabelo  
mas hoje estava esquisito, no dia que eu  
descobri o que é Morrer.

— *o que aconteceu com o cachorro, mãe?* — indaguei num  
soluço.

— (um silêncio.

depois,) *ele morreu também.*

— *e o grito?*

— *que grito?*

— *seu luís me contou que teve grito na morte da carla.*

— *ah, o grito. não sei, pode ser que*

*ele esteja guardado.*

— *no muro?*

— *é. no muro.*

— *e a carla tá guardada onde?*

minha mãe me disse que a carla  
mora morta embaixo da terra que é  
a casa dos mortos ao mesmo tempo que o céu  
também, mas o céu  
guarda a parte viva da pessoa, aquela coisa que  
não morre nunca, não a saudade,  
a saudade é amor e é dos vivos,  
estou falando da coisa viva que fica nos mortos,  
minha mãe chama de:

— *alma.*

eu  
prefiro chamar de:

— *quando o deusinho teimoso mora na gente.*

+



deu ano novo e eu mudei  
de escola. meus pais  
discutiram sobre  
pensando que era melhor eu ter menos estímulos de  
Carla e no colégio antigo  
quase tudo me lembrava  
Ela.  
o colégio novo era  
uma Selva.  
que pequeno o pátio, eu não gostava de basquete e  
tive que jogar pra não tirar  
zero. me acostumei a ser a última escolhida pelos  
times porque eu não era boa e achava justo.  
começaram também a me dizer:

— *ocê*  
*não é bonita.*

e pra Ana diziam:

— *ocê é*  
*bonita.*

teve uma vez que eu fiquei no espelho  
olhando a minha cara e a ana na pia do lado,  
olhando a dela.  
eram caras muito parecidas  
dois olhos no mesmo lugar, cabelo na cabeça, dentes.  
a ana dizia:

— *vamos?*

e as pessoas iam.

eu

quase nunca usava plural fora de casa.

comecei a pensar que quem sabe eu poderia Ser

Mais

Como Ana e comprei um tênis igual.

todo mundo reparou. Riram do meu pé dizendo:

— *é cópia.*

Riram muito

do meu pé me apontando

dedos, fizeram 1 Roda em volta de mim.

eles Giravam gritando *é cópia*, gritando

*é feia*,

pensei que morreria igual a carla, será que aquilo

era morrer?

minha calça ficou

Molhada, calça cinza de moletom virando escura.

comecei a ouvir risadas mais altas e um:

— *ela se Mijou!*

muito Alto,

fechei os olhos e senti

o perfume

da professora

puxando minha

mão.

pediu Chega

e de som no pátio ficou só o eco

dos passarinhos e alguns pés

de crianças voltando  
pra aula sem saber o que tinha acontecido porque  
não tinham visto.  
a Professora  
me levou pra sala dos  
professores que eu nunca entrei,  
estava vazia.  
era grande com mesa parecendo de jantar e garrafa  
térmica.  
pedi café por favor. ela disse que isso não era  
bebida de criança, mas hoje  
tudo bem e  
me deu,  
queimei a língua que morreu  
até de noite.  
enquanto a professora me abraçava, me trocava a  
calça na mochila tinha  
outra e abria  
a boca com batom pra dizer umas coisas que eu  
não  
entendia mas  
pareciam boas, chorei de saudade da  
Carla minha menina  
intacta que sempre soube fazer do medo  
um pó  
de risada nossa.

+